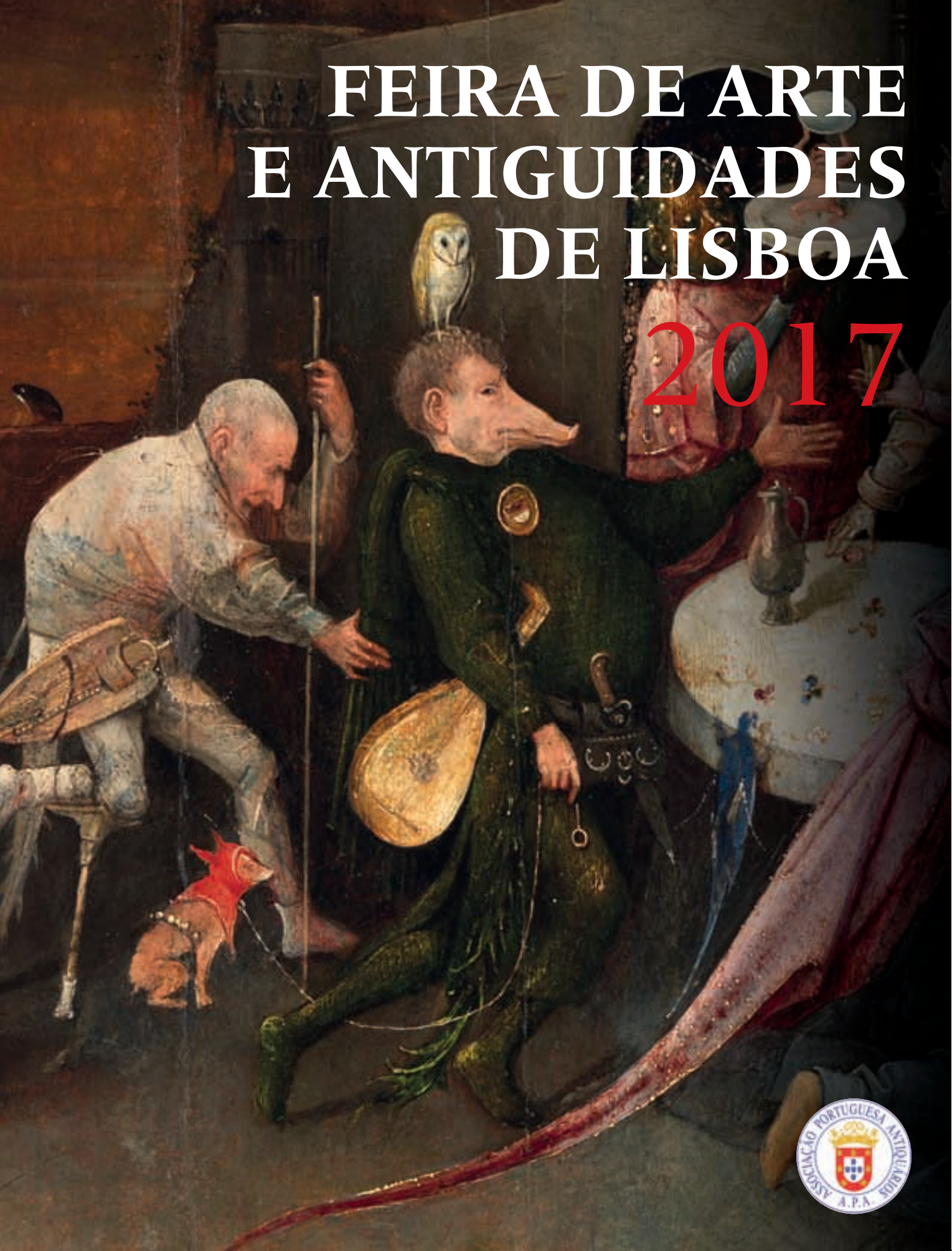


FEIRA DE ARTE E ANTIGUIDADES DE LISBOA

2017



Unidos na paixão pela arte

No intervalo (na verdade inexistente) entre duas temporadas de programação intensa, é ritualmente pedido ao Museu Nacional de Arte Antiga um testemunho, no quadro da grande festa anual que a Associação dos Antiquários Portugueses inscreveu nos (bons) hábitos culturais da cidade de Lisboa — e onde, cumprindo a tradição, assinala a sua presença institucional acolhendo os visitantes à entrada.

No ano que se cumpre entre esta edição e a precedente, passaram, efetivamente, pelo MNAA, por generoso empréstimo, obras maiores de Dürer, Bellotto, Jordaens, Duchatel ou Canaletto — ao mesmo tempo que, do acervo próprio, mostraria esplêndidos desenhos, em mostras sucessivas, como as dedicadas ao *Retrato Europeu* ou a Giuseppe Cades ou Jacopo Palma, o Jovem. De igual modo se desvendou, em exposição monográfica, a obra quase ignota do notável iluminador seiscentista português Estêvão Gonçalves Neto, enquanto, por sua vez, se assinalou, com a reunião inédita da totalidade do seu tesouro medieval, o 5.º centenário da beatificação da Rainha Santa Isabel (em mostra enriquecida com sumptuosos empréstimos da Gemaldegalerie, de Berlim e do Museu do Prado), ou se projetou, em idêntico quadro, renovada luz sobre a obra de Domingos Sequeira, “Pintor de História”. Enfim, a grande exposição “Obras em Reserva. O Museu que não se vê”, traria à luz mais de três centenas de obras de todas as disciplinas, pela maior parte desconhecidas dos públicos — que responderam com entusiasmo, fazendo da mostra a mais vista de sempre até então.

Ano fausto, 2016 ficaria, aliás, assinalado por dois eventos de especial monta (de resto entrecruzados): a aquisição da notável *Adoração dos Magos*, obra maior de Domingos Sequeira, e a reabertura do Piso 3, com a renovada exposição das colecções de pintura e escultura portuguesas — onde aquela, justamente, figuraria em lugar de honra. Se a campanha *Vamos Pôr o Sequeira no Lugar Certo* se configurou como a mais bem sucedida operação de mecenato público jamais realizada em Portugal (de que a APA se não eximiria), foi, sobretudo, testemunho exemplar do espaço referencial ocupado pelo “primeiro museu” no conceito comum (*o lugar certo*) ao mesmo tempo que, por seu intermédio, a obra do grande artista se guindava, de igual modo, ela mesma ao lugar cimeiro, que inquestionavelmente lhe competia, no apreço global. Por sua vez, a reposição da fruição pública das suas ricas colecções de pintura e escultura portuguesas (ambição tenazmente perseguida pelo Museu), revelaria, na modelar modernidade da museografia, possibilitando uma leitura renovada deste prestigioso acervo, o elevado rigor do trabalho (grandemente invisível) de estudo, conservação, restauro e comunicação, que garantem ao MNAA a posição de prestígio de que consabidamente goza, no plano nacional como no internacional.

Tal posição advém ainda, naturalmente, da relevância do seu próprio acervo. E, *ano fausto*, 2016 seria igualmente o *Ano Bosch*, na ampla comemoração internacional do 5.º centenário do genial pintor — que o museu português integraria pelo excepcional empréstimo das “Tentações de Santo Antão”, figurando em honroso lugar na magna

exposição organizada pelo seu parceiro ibérico: por esse modo promovendo mais ainda essa joia ímpar das suas coleções. Por seu turno, 2017 manteria, portas a dentro, a elevada expectativa sempre criada em torno do Museu. À grande exposição *A Cidade Global. Lisboa no Renascimento*, brindada pelo reconhecimento público desde o primeiro instante, seguir-se-á em breve *Madonna. Tesouros dos Museus do Vaticano*, percurso deslumbrante pela iconografia mariana presente nas colecções papais.

Não é, contudo, em gratuito exercício que se rememora a intensa atividade do Museu durante o ano que passou e o que vai ou se adivinha do que corre. Trata-se, de facto, de pôr em evidência o elo, às vezes quase invisível, que une a actividade de um museu — deste Museu —, à de quantos persistem na actividade privada do antiquariato. Entre ambos se trabalha para o mesmo fim: a promoção do gosto e do conhecimento do *antigo*; o amor da colecção e a paixão pela arte. É isso que assinala a associação solene do Museu à grande montra promovida pela APA: como vias paralelas para o mesmo fim.

António Filipe Pimentel
Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga